

ESPAÇO PÚBLICO, CIDADE E EQUIDADE CIDADE. PATRIMÓNIO E SEDIMENTAÇÃO

Carlos Dias Coelho, Professor Associado

Faculdade de Arquitectura da Universidade Técnica de Lisboa

RESUMO

Nas antevisões mais especulativas sobre o futuro da cidade, o espaço urbano como suporte de relações humanas, de trocas materiais e espirituais e mesmo de circulação chega a ser suprimido em favor de meios de comunicação imateriais, sem que se determine o destino da cidade construída nem se formulem novos modelos morfológicos como resposta a uma sociedade diferente. A cidade do século XXI será, naturalmente, diferente da cidade do século XX, assim como esta o foi da cidade que a precedeu. No entanto, essa nova realidade incorporará toda a informação construída da cidade existente, num processo de sedimentação caracterizador do próprio fenómeno urbano.

As políticas de recuperação dos centros históricos, tão presentes a partir de meados do século XX, num processo cada vez mais distanciado do fenómeno das expansões que configuram na maioria dos casos periferias urbanas, reforçaram a dicotomia entre uma “cidade histórica” e uma outra realidade mais dinâmica e em construção.

A cidade, sendo um artefacto sedimentado, resultado de um acumular de acontecimentos não só distintos mas mesmo contraditórios, remete-nos obrigatoriamente para a dimensão do “tempo” na sua construção, factor essencial na produção de um objecto ao qual será sempre estranho o conceito de “momento acabado”.

Palavras-Chave: Tecido Urbano; Cidade Sedimentada.

ABSTRACT

In the more speculative predictions of the future of the city, the urban space as a support for human relationships, material and spiritual exchanges and even traffic

has been superseded in favour of immaterial media, without either establishing the fate of the city's structures or introducing new morphologic models as a response to a different society. The 21st century city will naturally be different to the city of the previous century, as this was of the city that preceded it. However, this new reality will incorporate all the information of the existing city in a process of sedimentation that characterizes the urban phenomenon itself.

The policies of recuperating historical centres, so commonplace from the mid-20th century on, in a process increasingly apart from the phenomena of growth that has, in most cases, shaped urban peripheries, reinforced the dichotomy between the "historic town" and another reality, more dynamic and under construction.

The city, as a sedimentary artefact, result from an accumulation of events not only different but even contradictory, leads us to the obligatory dimension of "time" in its construction, a key factor in producing an object to which the concept of "finished moment" will always be strange.

Key-words: Urban Fabric; Sedimented City.

"O traçado de uma cidade é mais obra do tempo do que de arquitecto."

Leonce Raynaud

INTRODUÇÃO

A cidade cujo tecido evoluiu ao longo do tempo e sedimentou uma quantidade de informação de distinta origem é a que recolhe a admiração quase unânime do ponto de vista do observador.

É elogiada, por um lado, pela sua diversidade, que sob o ponto de vista plástico estará ligada à complexidade da composição do quadro urbano e, por outro, à surpresa constante desse mesmo quadro que assume um carácter episódico e finito. É elogiada pelo modo como uma produção humana se encadeia continuamente e depende de elementos naturais como o relevo, como os rios e mares, ou mesmo de elementos cósmicos como orientações solares e religiosas. É elogiada pelo seu carácter único e irrepetível: mesmo que houvesse vontade humana não seria possível fazer reproduzir Paris em Nova Iorque, ou Lisboa em Viena.

Nas deambulações que possamos fazer por essas cidades, somos confrontados com tecidos que embora nos possam ser desconhecidos, não constituirão para nós traçados labirínticos, pois conseguimos orientar-nos através de

percursos contínuos, sequências espaciais e de elementos arquitectónicos de referência, a relação dos volumes construídos e espaços públicos e dos elementos evidenciadores de centralidade, que nos permitem sempre identificar e compreender a própria cidade na hierarquia dos seus espaços e dos seus elementos urbanos constitutivos.

Quando se observa, por exemplo, o modo como o *Canal Grande* estrutura a cidade de Veneza, aglutina os seus principais monumentos, palácios e igrejas, arrancando na Praça de S. Marcos e serpenteando até à estação; quando se observa a predominância da cor ocre dos seus edifícios esbatida pela aplicação dos mármorees em edifícios particularmente importantes; quando se observa a possibilidade de leitura das marcas das vicissitudes da sua própria história; quando se observa a sucessão de elementos arquitectónicos e urbanos de diferentes épocas, em que por vezes uns procuram contrariar os princípios compositivos dos outros, coexistindo lado a lado ou mesmo sobrepondo-se num único edifício ou espaço, podemos concluir da dependência desse todo coerente de uma série de factores dispersos, concorrentes ou contraditórios, que produziram um tecido urbano não redutível a um modelo, e um traçado não redutível a um modelo geométrico.



Figura 1. Toulouse e Toulouse-le-Mirail. A cidade sedimentada e a cidade-modelo.

Mas a consciência tida pelos criadores da dificuldade da produção em projecto de uma cidade complexa, sem o risco de que a concepção consista em resoluções parcelares, gratuitas, gerou muitas vezes uma atitude derrotista e nostálgica que teve como principal consequência a separação entre as atitudes de apologia e de criação. A primeira remete para a cidade "antiga" como referência essencial, hoje a chamada "cidade histórica", elevada que foi à condição de mito, originado pela impossibilidade da sua (re)produção. A segunda, a uma cidade de modelo simplista e reprodutivo, única passível de criação em projectos, seguindo os procedimentos racionais da disciplina.

Esta nostalgia, constante desde meados do século XIX, é provavelmente uma das responsáveis pela tendência actual de conservação de património que se encontra num estado bem afastado de teorias intervencionistas tão diversas quanto as defendidas por Viollet-Le-Duc, ou Le Corbusier.

Esta falta de confiança na possibilidade de conceber uma cidade bela e controlada, ao contrário da que foi sendo produzida depois de industrialização, estará na origem de atitudes opostas em relação ao seu futuro, facto que de certa maneira fez coincidir neste aspecto correntes de opinião em confronto.

A CIDADE SEDIMENTADA

A cidade é pela sua própria natureza uma entidade complexa. Como lugar de habitação concentra indivíduos, como lugar de circulação e lugar de trocas, materiais e espirituais, atrai indivíduos de uma infindável diversidade. A organização social e política da cidade procura antes de mais estruturar essa massa humana e gerir os seus interesses, muitas vezes contraditórios.

Esse tecido humano ganha uma imagem aparentemente unitária vista do exterior, quando os papéis individuais são encaixados no corpo global, e cada membro parece assumir uma posição específica nessa entidade colectiva. À diversidade natural do corpo social da cidade devemos acrescentar a sua permanente evolução. O ciclo vital da existência humana não pôde ainda ser alterado, e o próprio papel representado por cada um dos seus indivíduos ganha matizes muito variáveis com o decorrer do tempo. Não é por acaso que a reflexão sobre a cidade ao abstrair intelectualmente estes dois factores da sua composição social origina modelos ideais de um simplismo confrangedor.

As sociedades das utopias são disso exemplo. Nelas não encontramos nem conflito de interesses, nem mobilidade no papel individual ou colectivo representado por cada um dos seus indivíduos. As descrições são de um mecanismo extremo, e compará-las com a cidade real, cheia de conflitos e permanentes ajustamentos no posicionamento de cada um dos seus componentes, continuamente substituídos, revela a sua grande limitação – a impossibilidade de formular um modelo que espelhe a realidade, elaborando-o a partir de premissas tão redutoras nas variáveis que acaba por não representar o seu objectivo – a cidade.

Nas utopias, cidades ideais para as quais se concebeu um corpo físico e um corpo social, o príncipe ou o conselho, são imaculadamente sábios e incorruptíveis, o papel de cada um na sua profissão e na sua família é eficaz e ordeiro. A própria simplicidade na resolução de eventuais conflitos, cujo veredicto nunca é posto em causa, traduzem uma imagem desejada da sociedade, mas não a imagem de uma sociedade real.

A cidade real, a construída e vivida, pouco tem da clareza cristalina da cidade utópica. Mas é uma entidade rica e complexa tanto do ponto de vista físico como da sua organização social ou da sua gestão.

A cidade como obra física reflecte necessariamente o carácter evolutivo e diverso do seu corpo social. A diversidade morfológica urbana resulta da natureza diversa das entidades colectivas e dos indivíduos que a gerem, que se vão substituindo permanentemente. O espaço público acaba por constituir o elemento estruturante de qualquer realidade urbana física e é aí que as suas tensões se expressam mais rapidamente.

Os tecidos urbanos que resultam das tensões inevitáveis do processo evolutivo de uma cidade, opor-se-ão aos outros que resultam da aplicação de um modelo mental lógico, inteiramente pré-concebido, cujo desenho é global e procura organizar todas as partes de um modo racional, estendendo por vezes essa lógica à volumetria do construído ou mesmo ao desenho da própria arquitectura. Apesar desta oposição nos processos de formação do traçado não resultará dos primeiros uma cidade menos estruturada do que dos segundos, mas pelo contrário resultará a maioria das vezes uma cidade mais complexa.

O TECIDO DE SEDIMENTAÇÃO

A cidade é um artefacto em permanente mutação. Essa mutação remete-nos para a dimensão do “tempo” na sua construção, na medida em que dificilmente poderemos eleger qualquer dos seus momentos como o momento do objecto acabado. Se exceptuarmos, casos como tentativas de construção de modelos ideais, em que, mesmo assim, o “momento acabado” não tem a ver com a cidade construída, mas sim com a consumação do modelo que lhe dá origem e que na maioria das vezes permite operar um exercício mental de correcção dos desvios observados entre modelo ideal e o objecto real.

A grande distinção entre o objecto arquitectónico e o objecto urbano não estará tanto na dimensão de cada um deles, posto que até é possível encontrar grandes edifícios de dimensão superior a pequenas cidades, nem mesmo no tipo de propriedade de cada um deles, já que se conhecem os edifícios de propriedade celular (ou horizontal), mas entre outras coisas no movimento de cada um deles no decorrer do tempo. Se podemos reconhecer a existência de objectos arquitectónicos compostos, e discutir se se trata ou não de uma soma de objectos, já não podemos considerar a concepção da cidade como um objecto singular por mais coerência que esta represente.

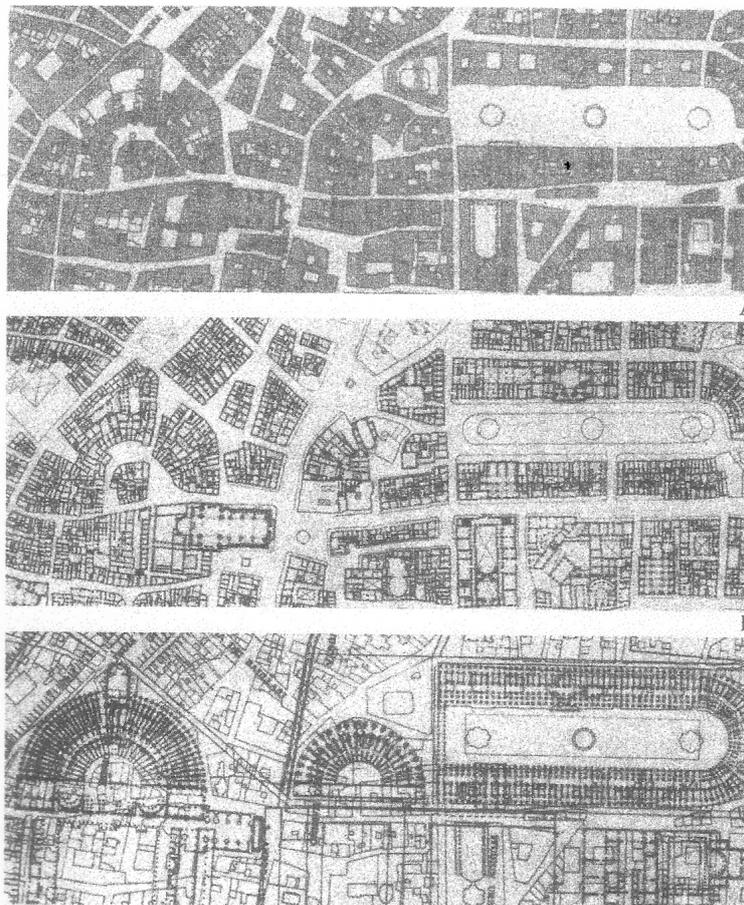


Figura 2. Interpretação da evolução do tecido do Campo de Marte em Roma (Saverio Muratori).

O movimento do objecto urbano, sendo uma das suas principais características, obriga mesmo a um tipo de análise em que o recurso a situações temporais precisas deve ser considerado quase como uma abstracção.

Neste sentido, a evolução da cidade processa-se em movimentos de velocidades muito variadas, podemos constatar uma maior resistência à alteração ou substituição do edificado na medida da sua maior importância, atingindo uma inércia substancial quando se trata de monumentos de referência colectiva.

A presente preocupação com o património arquitectónico acabou por consagrar como que uma paragem desse processo evolutivo em certos trechos urbanos, ou mesmo em conjuntos urbanos inteiros, através da estabilização do movimento de renovação natural.

A evolução dos tecidos é apenas uma vertente da evolução urbana parcelar, que para além de substituir o edificado, altera a própria forma do espaço público,

ampliando-o ou alterando-o por fases sucessivas e sobre dados existentes, que acaba por suportar uma evolução mais radical.

Assim, o efeito mais caracterizador da modelação dos tecidos, pelo facto de permitir uma maior diversidade de situações, é sem menor dúvida a sedimentação de acontecimentos urbanos no processo de evolução desses mesmos tecidos.

Se a sedimentação como processo de produção da cidade se opõe à ideia do projecto integral e finito, a cidade sedimentada inclui as transformações originadas pela consumação de ideias de cidade modelares ou mesmo utópicas, subvertendo no entanto o carácter finito e acabado que lhe estava na origem.

Uma grande quantidade e variedade de factores agem assim sobre o tecido urbano conferindo-lhe um aspecto particular. Agem separadamente, em graus diversos, e em períodos diferentes. Os tecidos de cidades milenares resultam assim, em grande parte, da acção desses factos que, prolongados no tempo, conferem uma dinâmica que acaba por lhes atribuir uma importância diferenciada, com o desaparecimento de alguns deles e o evidenciar de muitos outros.

Podemos, ainda hoje, encontrar frequentemente na cidade europeia arruamentos que, apesar de terem sofrido deformações, correspondem a um traçado romano, divisões cadastrais que se mantêm e até partes de construções que se reaproveitam em contextos muito diferentes daqueles para que foram feitas.

O efeito de sedimentação de acontecimentos diversos através do tempo confere aos tecidos um carácter único como consequência da acção individual de cada um deles num sistema global.

A simples construção de um grande edifício de utilização colectiva pode afectar o espaço urbano público mais próximo daquele, muitas vezes temporalmente para além da sua utilização pública. As ruas tenderão a conformar-se em relação ao edifício, provocando o aparecimento de espaços alargados nos seus acessos por razões de facilidade de utilização ou ainda por lhe pretender conferir o papel de ponto focal num sistema de efeitos perspécticos ou simplesmente estéticos quando aquele já tenha perdido a função colectiva original.

Neste processo de evolução permanente, é possível verificar que as alterações do tecido por substituição de edifícios, alteração da massa edificada e também da propriedade, se processa de um modo dessincronizado, o que origina permanências do traçado urbano que o pode tornar reconhecível durante séculos ou mesmo milénios.

No entanto, as permanências urbanas são naturalmente de natureza elementar o que pode originar a permanência de edifícios, particularmente de edifícios que se destacam pela sua importância ou pela sua natureza construtiva e a alteração dos espaços onde se inserem ou então a alteração da própria natureza desses espaços. O próprio desenho do espaço público pode ser substancialmente alterado sem que, no entanto, se altere o seu significado urbano ou a sua importância relativa no traçado de uma qualquer cidade.

Esta imensidão de pequenas conformações do espaço público é vista hoje como a sua descaracterização, mas é a possibilidade de uma evolução permanente da cidade e a conseqüente fermentação formal que permite que esta se mantenha viva e não fossilize.

Num tecido minimamente consolidado, com a definição clara dos seus espaços públicos e privados, verifica-se uma permanente tensão, resultante da tendência da sobreposição de um desses espaços sobre os outros.

O dinamismo do fenómeno não tem necessariamente a ver com o dinamismo da própria renovação urbana, mas sobretudo com a alteração de alguns pressupostos que originaram o tecido ou a quebra da próprio modelo urbano que o terá originado e que poderá ser potenciado pelo dinamismo da renovação urbana.

Em momentos de grande vitalidade urbana, nos quais os poderes públicos possuam uma capacidade interventiva relativamente forte, pode notar-se uma tendência para a correcção dos fenómenos da renovação, melhoria de infraestruturas urbanas ou simplesmente uma procura de qualificação dos espaços públicos.

Essa tendência pode traduzir-se num alargamento ou correcção formal dos espaços públicos mais representativos de uma cidade, na criação de espaços na dependência de edifícios de grande importância colectiva já existentes ou em construção. Nesses casos, o espaço público é geralmente conquistado à custa de espaços particulares, de diversa natureza.

Numa outra ordem, pode constatar-se, numa parcela urbana com ocupação de solo construído ou não, quando cessa a sua função e se verifica uma alteração do seu uso, uma profunda alteração da relação do espaço público anteriormente existente e uma realidade dependente da nova função encontrada, se por acaso a parcela não for inteiramente vocacionada a um espaço público.

É o caso da desactivação de grandes funções urbanas como os conventos, as estações de comboios ou as indústrias. A parcela é reestruturada e entregue a uma

nova função, seja com a manutenção total ou parcial dos edifícios anteriormente existentes, seja com a renovação completa do edificado.

Uma das situações mais características do fenómeno é a demolição das muralhas das cidades europeias no século XIX, que veio originar na maioria das vezes grandes arruamentos circulares ocupando o espaço das muralhas propriamente dita, e o espaço *non aedificandi* envolvente se aquelas ainda se encontravam activas.

Hoje, podemos encontrar paralelos em distintas situações urbanas como por exemplo a desactivação de áreas industriais, a reintegração de infraestruturas, o abandono de zonas históricas pelas actividades do dia a dia em prol da monofuncionalidade turística, entre outros.

A evolução de um tecido e a sedimentação da sua forma implica assim a acção de vários elementos de origem natural e humana que de algum modo constituem as pré-existências, o acto de intervenção e ainda a inevitabilidade de sua evolução. Esta poderá ter origem na acção dos vários agentes, por forma individual ou colectiva, fruto de uma multiplicidade de intenções e projectos.

Neste processo de tensão entre o sítio e os agentes podemos, a partir da leitura da dinâmica dos tecidos, deduzir algumas tendências que relacionem determinados condicionalismos a um quadro de resultados.

Assim, podemos estabelecer uma matriz de factores que determinam ou pelo menos condicionam a sedimentação de um tecido e um quadro dos efeitos mais frequentes originados pela acção desses factores.

Estes factores resultam sempre das vontades dos intervenientes e das suas limitações. Os factores são de natureza muito diversa e a acção de cada um deles pode ser intensificada ou intencionalmente atenuada.

De facto, não encontraremos dois factores que tenham agido de um modo rigorosamente igual, dado que a acção de cada um deles não é isolada mas, pelo contrario, integrada num contexto muito alargado em termos físicos e humanos, interagindo com os demais factores daquela realidade urbana e sujeitados à tensão entre os diversos agentes envolvidos na transformação.

Em termos metodológicos, tratar-se-á antes de opor ao modelo da cidade integralmente concebida num projecto acabado um anti-modelo, ou melhor, um processo conceptual que impossibilite a criação de um modelo formal, mas apenas uma aproximação ao mecanismo que o origine, onde a desagregação do tecido e do traçado pelos elementos urbanos que os compõem, por áreas, hierarquias e papéis no

contexto urbano e a sua relação com o mecanismo da sua própria evolução não remeta para um estado final, rigidamente formalizado.

Como observou Collin Rowe “(...) *na cidade (...) a noção de uma solução final através de uma acumulação definitiva de todos os dados é, evidentemente, uma quimera epistemológica(...).*” O plano imagem só poderá ser entendido como um meio especulativo, tal como a catedral ideal de Viollet-Le-Duc e não como uma antevisão formal de um momento que na maior das certezas, nunca ocorrerá.



Figura 3. A catedral ideal, segundo Viollet-Le-Duc.

O plano-imagem, tratado como um projecto de edifício, que constituiu um método de concepção da forma urbana particularmente recorrente na primeira metade do século XX, tinha a vantagem de permitir a consubstanciação dos princípios compositivos sempre presentes, como as grandes avenidas, os alinhamentos, as cérceas ou as perspectivas urbanas, numa materialização facilmente manipulável por

um autor e compreensível pela administração e pelo cidadão, que conseguiram apreender uma imagem valorizada de determinada cidade.

O ANTI-MODELO

Sem pôr em causa a possibilidade de intervir na cidade existente, mesmo na cidade histórica, ou criar uma nova realidade urbana a partir de um plano imagem, este não deve ser dissociado de uma série articulada de propostas parcelares que garantam a complexidade da solução resultante.

Este procedimento pode ser retirado, por analogia, do próprio processo de formação orgânico da cidade, sem risco de mimetismo se cada fenómeno for devidamente compreendido e utilizado no contexto próprio.

É nesta medida que a inventariação de factos muito diversos deverá ter como objectivo a sua classificação, de forma a permitir a sua utilização em determinado contexto.

Para mais, não podemos julgar possível a feitura da cidade ou mesmo parte dela através da monopolização por um só indivíduo de todo o processo criativo sem o risco de redução da diversidade de situações urbanas e arquitectónicas a uma solução esquemática, mentalmente lógica e univalente.

A possibilidade, mesmo que de difícil concretização, de produzir tecidos urbanos complexos, contraria a ideia do plano como um modelo ideal, isto é, um plano/projecto concebido num único tempo, de um modo lógico, da escala mais alargada à de maior pormenor, implicando todas as fases correspondentes de desenho, onde a cidade seja tomada por um objecto uno.

A acção de configurar um território urbano num acto de projecto processa-se de modo idêntico e resulta em grande medida da criação de um modelo ideal e da consequente adaptação a uma realidade concreta física, social e cultural. Contrariamente, o processo que deu origem à configuração das cidades complexas, resultou da tensão entre vários modelos e modos práticos de ocupação, de diferentes autores e agentes e até de grupos culturais opostos, distribuídos por várias épocas, que confrontaram ideias e interesses que acabaram por se reflectir em formas urbanas complexas e sedimentadas de que são exemplo as chamadas cidades históricas.

A qualidade do resultado obtido através deste processo terá dependido mais do equilíbrio entre as acções promovidas pelos diversos agentes, particulares e

públicos, e pelo modo como estes últimos souberam compatibilizar interesses individuais opostos, submetendo-as ao interesse colectivo normalizador.

O processo exige à administração uma atenção permanente na gestão da cidade, dado que a sua adequação física às necessidades colectivas apresenta uma constante evolução, num objecto de criação que, ao contrário de outras produções artísticas, está condenado à permanente obsolescência.

As experiências construídas da cidade moderna, tal como a conhecemos, ainda só começaram a sofrer os efeitos do processo de evolução urbana. Meio século é um período de tempo muito curto para que no suporte físico desses conjuntos se pudesse fazer sentir as alterações de população, de funções e de mentalidades, que fatalmente ocorrerão a prazo mas que não é possível determinar por antecipação.

CONCLUSÃO

Numa qualquer cidade vivemos espaços de diferentes épocas, muitas vezes concebidos para finalidades distintas daquelas que hoje lhe são atribuídas e diferentes daquelas que lhe serão exigidas nos muitos futuros que lhe estão reservados. O Terreiro do Paço de Lisboa já não é o terreiro de um paço, nem sequer uma praça de armas e cada vez suporta menos acontecimentos colectivos de representação do poder. A *Unter-Den-Linden*, em Berlim, já não é uma avenida de paradas. No entanto, para além da importância que qualquer destes espaços mantém no imaginário colectivo, estes vão sendo apropriados para funções mais ou menos nobres, conforme mais colectivas e representativas ou mais particulares e marginais. Se se pode constatar que um espaço urbano muitas vezes já é obsoleto quando é construído, outras nem sequer virá a assumir os papéis que lhe foram destinados no momento da concepção.

A natureza própria do artefacto urbano faz coincidir marcas e objectos de variadas épocas, que a diacronia do processo de evolução urbana justapõe no espaço da cidade. Por outro lado, a inércia deste processo faz com que no tecido urbano, paralelamente a uma dinâmica de profundas alterações, existam factores de resistência à mudança, tanto pela conservação de construções, como da própria natureza e configuração dos espaços, que por vezes mantém as mesmas marcas ao longo de séculos e mesmo milénios.

Independentemente dos destinos que lhe estão reservados, cada espaço de uma cidade coexistirá com muitos outros, diferentes na sua origem ou na

intencionalidade que presidiu à sua criação, impossíveis de determinar *a priori* numa concepção global. O princípio do ajustamento será o princípio que melhor se adapta ao processo de evolução da cidade e da sua forma, da qual o tecido construído é um reflexo directo.

BIBLIOGRAFIA

AAVV, coord. DIAS COELHO, Carlos; LAMAS, José, *A Praça em Portugal, Inventário de Espaço Público*, 3 volumes, Direcção Geral do Ordenamento do Território e Desenvolvimento Urbano – DGOTDU, Lisboa, 2007.

DIAS COELHO, Carlos, *A Complexidade dos Traçados*, dissertação de doutoramento em Planeamento Urbanístico, Faculdade de Arquitectura da Universidade de Lisboa, Edição policopiada, 2002.

FRANÇA, José Augusto, *Lisboa Pombalina e o Iluminismo*, Bertrand, Lisboa, 1983.

LAVEDAN, Pierre, *Géographie des Villes*, Gallimard, 1959.

POËTE, Marcel, *Introduction à l'Urbanisme*, Boivin, Paris, Reedição Col. Société et Urbanisme, Edit. Anthropos, Paris, 1974.

MURATORI, Saverio, *Studi per una operante storia urbana di Roma*, IPS, Roma, 1961.

ROULEAU, Bernard, *Le tracé des rues de Paris, formation, typologie, fonctions*, Éditions du Centre National de la Recherche Scientifique, Paris, 1983.

ROWE, Colin ; KOETTER, Fred, *Ciudad Collage*, Gustavi Gili, Barcelona, 1981.

SANTOS, Thereza Carvalho; DIAS COELHO, Carlos, «O Capital Genético das Redes de Espaços Públicos: Mutações e Persistências» in AAVV, org. GAZZANEO, Luiz Manoel; AMORA, Ana Albano, *Ordem, Desordem, Ordenamento – Urbanismo e Paisagem*, Colecção PROARQ, UFRJ – FAU, Rio de Janeiro, 2009.